

# O projeto de pesquisa em história

*Rodrigo dos Santos*

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Guarapuava – Paraná – Brasil

digao\_santos9@hotmail.com

---

**Resenha da Obra:** BARROS, José D' Assunção. *O projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

---

Em sua nona edição a obra *O projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico* do historiador José D' Assunção Barros (2013) apresenta várias contribuições para o campo historiográfico, principalmente por não se tratar apenas de um manual para construir projetos de pesquisa na área de humanas, especialmente história: “Embora o enfoque principal esteja vinculado às áreas de História e de Ciências Humanas, o leitor irá verificar que são fornecidos exemplos referentes a diversificados campos de estudo, incluindo as ciências da natureza e as ciências exatas” (p. 6). Contribui igualmente no desenvolvimento da pesquisa científica nos vários campos do saber, tanto no nível da graduação como pós-graduação, apresentando contribuições para trabalhos de conclusão de cursos, dissertações e teses.

Antes de maior detalhamento da obra, apresenta-se seu autor: José D' Assunção Barros possui graduações em história e música, ambas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorado pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é professor de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Publicou livros como *O campo da história*, *Cidade e história*, *A construção social da cor*, *Teoria da História*, *Papas*, *A expansão da história*, entre outros.

A obra divide-se em seis capítulos, sendo eles: O projeto de Pesquisa: funções e estrutura fundamental, Introdução e Delimitação do Tema, Revisão Bibliográfica, Justificativa e objetivos, Quadro teórico e Hipóteses. O autor também contribui em sua obra com um glossário “que [...] tem a função de esclarecer termos ou expressões que aparecem no decorrer do texto, e que, em outros, tem a função de apresentar intertextos voltados para a discussão mais aprofundada de aspectos apenas mencionados no texto” (p. 6). O leitor pode consultar as palavras pertencentes ao glossário pelo asterisco (\*) no decorrer do texto.

O primeiro capítulo refere-se à importância da construção do projeto de pesquisa:

O projeto de pesquisa, desta maneira, mostra-se a este pesquisador precisamente um ganho de tempo, um agilizador da pesquisa, um eficaz roteiro direcionador, um esquema prévio para a construção dos materiais e técnicas que serão necessárias para alcançar os objetivos pretendidos (p. 11).

O pesquisador aponta que o projeto de pesquisa tem caráter inacabado, mas extremamente importante, pelas suas reformulações de hipóteses, um caminho à ser seguido. Em alguns casos o projeto de pesquisa é exigência institucional em programas de mestrado ou doutorado e ambientes acadêmicos como proposta para organizações que financiam pesquisas. Apesar disso, não deve ser visto como mero instrumento burocrático, o projeto possui no mínimo três funções importantes: carta de intenções, item curricular, direcionador de pesquisa.

Neste capítulo, Barros destaca as partes que o projeto de pesquisa possui, em forma bem didática, apresentando um quadro com os itens. Para o projeto não existe parâmetro oficial: “embora os vários tipos de conteúdo atrás descritos marquem uma presença quase certa, deve ficar claro que não existe um parâmetro oficial e único de Projeto de Pesquisa no que tange à sua ordem e definição de capítulo” (p. 21). O autor adverte o cuidado com as repetições e que as motivações da pesquisa, geralmente devem agradar o seu proponente, pois trabalhar em uma pesquisa apenas pelo seu grau acadêmico é uma tarefa desgostosa, a instituição à que se destina e as tendências do seu período de produção (do seu tempo).

O segundo capítulo destina-se à introdução e delimitação do tema, este possui mais subitens em todo o livro, dedicados aos encaminhamentos metodológicos da pesquisa. Inicialmente, discute dois tipos de introdução: a que apresenta, juntamente com a introdução a delimitação do tema e a exposição do problema de pesquisa, e outro em que o projeto possui estes itens específicos para explanação. No segundo caso, a introdução será um resumo do projeto, com espaço diminuto, onde o conteúdo de todo o projeto será destacado brevemente. A função da introdução: “A introdução é só para dar ao avaliador

uma ideia ainda simplificada da Pesquisa proposta, e para motivá-lo a examinar com maior especificidade o que foi apenas enunciado nestes parágrafos iniciais” (p. 25). O avaliador, diante da grande quantidade de projetos, caso não se sinta motivado pela introdução, não ler os demais itens, desconsiderando o projeto sem análise profunda.

Outro destaque neste capítulo são as dicas de Barros para a construção do recorte temático da pesquisa. A escolha de uma pesquisa depara-se com quatro fatores: o interesse do pesquisador, relevância, viabilidade e originalidade. A pesquisa deve de alguma forma importar para a sociedade. Como exemplo o autor aponta os atentados às torres gêmeas do World Trade Center nos Estados Unidos. Seria muito difícil um pesquisador ocidental sentir-se confortável em escrever sobre o evento em um período recente, portanto, a pesquisa também atende a interesses; distanciamento e envolvimento ético. Outra dica com relação ao tema deve-se pautar no seu local de produção. Barros cita Michel de Certeau para justificar este fato, segundo o mesmo, as tendências da instituição que o proponente irá inscrever-se também podem fazer com que seja ou não aceita sua pesquisa.

Barros também apresenta dicas de como recortar um tema em sua temporalidade: “pensar os limites de um recorte em termos de viabilidade para a pesquisa e a de adequação ao problema é sempre a postura mais equilibrada” (p. 44). A mesma dica serve para o recorte espacial: “A mesma necessidade de problematização historiográfica poderia ser abordada com relação ao ‘espaço’ construído pelo historiador. Deve ser um espaço problematizado, e não um espaço nacional ou comemorativo” (p. 45). O autor chama a atenção que a história deixou de lado os recortes que contemplavam apenas séculos, sem um interesse maior, por isso, o recorte deve ser definido com base em interesses da pesquisa, com o recorte a partir da própria fonte.

O terceiro capítulo da obra refere-se a revisão bibliográfica: “A realização de uma Revisão Bibliográfica dentro deste Projeto pode ocorrer de muitas maneiras – o importante é que ela *efetivamente se realiza*” (p. 54). O pesquisador deve propor uma revisão da bibliografia sobre seu tema, em um item especial no projeto, que pode ser no item quadro teórico, ou ainda, na introdução. O objetivo da revisão bibliográfica não é apresentar tudo que foi produzido sobre o tema, mas comentários de uma forma crítica sobre as produções. Barros aponta que a introdução é o *cartão de visitas* para o trabalho que se pretende realizar em uma pesquisa, com isso, também destaca periódicos especializados para que o proponente da pesquisa realize a busca. Em muitos casos, os debates sobre o tema surgem primeiramente em periódicos da área e posteriormente transformam-se em livros: “Vale ainda lembrar que, em diversas ocasiões, os artigos importantes de um certo autor que foram publicados nas revistas especializadas mais reconhecidas acabam por ser editados

posteriormente em coletânea, vindo a se constituir em livro” (p. 58). O pesquisador em alguns casos não pode esperar até que esses se tornem livros, precisando incorporar rapidamente em seu projeto, por isso, tem importância os periódicos especializados.

Neste mesmo capítulo, o autor aponta a distinção entre bibliografia e fonte. Segundo ele, frequentemente na área de História ocorre confusão entre o que seja bibliografia e que seja fonte. A definição de fonte: “A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo” (p. 63). Enquanto “a ‘bibliografia’ propriamente dita constituiu-se um conjunto daquelas outras obras com as quais dialogamos, seja para nos apoiarmos ou para nelas buscarmos contrastes” (p. 64). Apesar de em alguns casos a produção bibliográfica também ser utilizada como fonte nos estudos que se referem a análise de discursos ou da produção de determinado tempo histórico.

O quarto capítulo discute a justificativa de um projeto de pesquisa e seus objetivos. Segundo Barros, tem-se confusão entre os dois termos: “Mas existe uma diferença bastante significativa entre a expressão ‘por que fazer’, que se refere ao capítulo ‘Justificativa’, e a expressão ‘para que fazer’ que se refere ao capítulo ‘Objetivos’” (p. 67). A justificativa aponta para as motivações que conduzem ao desenvolvimento da pesquisa, já o *para que fazer* refere-se as finalidades que se pretende atingir com a pesquisa, o primeiro significa as motivações da pesquisa e o segundo as intenções. Portanto, “justificar um projeto é convencer os seus leitores de sua importância, da sua relevância acadêmica e social, da viabilidade da sua realização, da pertinência do tema proposto” (p. 67-68). A justificativa organiza argumentos a favor do tema do projeto, apresentam-se os benefícios para a sociedade, as necessidades de preenchimento de lacunas no conhecimento do tema e as possibilidades efetivas da realização da pesquisa.

Com relação a relevância social Barros exemplifica com o tema nazismo. Geralmente este tema é utilizado para mostrar seus malefícios, resolvendo os problemas de intolerâncias, fanatismo, autoritarismo, racismo e manipulação de massas; estuda-se o nazismo para ser contra ele. Os pontos de vista são todos passíveis de análise, mas seria difícil escrever uma tese que nos dias atuais mostrasse simpatia com este tipo de organização. Segundo o autor, caso os nazistas tivessem sido vitoriosos na Segunda Guerra Mundial, a história poderia ser outra, ou ainda, se o pesquisador encontrar uma instituição neonazista que aceite desenvolver um projeto desta natureza. Além disso, Barros chama a atenção para o compromisso ético do pesquisador em disseminar esse tipo de perspectiva: “De qualquer modo, o historiador não é um mercenário, pronto a defender qualquer ponto

de vista em troca de financiamentos. Ele deve investir naquilo que acredita, encontrando os caminhos institucionais mais adequados ao trabalho que almeja realizar” (p. 70). Desenvolver uma pesquisa, também se refere às escolhas do pesquisador, dos seus valores e compromissos éticos. Os projetos ainda devem preencher lacunas existentes em campos do conhecimento, ter relevância às linhas de pesquisa das instituições que se dirige e possuir viabilidade; principalmente no acesso fácil das fontes.

Neste capítulo também se discute os objetivos que devem contemplar um projeto, como eles serão apresentados. De acordo com Barros, os objetivos são apresentados por sentenças com verbos no infinitivo, geralmente em listagem sucessiva e numerada. Inicialmente apontam-se os objetivos mais amplos para em seguida os específicos, notadamente mais concretos. Uma tese, ou um projeto dessa, pode apresentar objetivos concretos como a criação de um CD-ROM ou vídeo com o material recolhido pelo pesquisador. Em sua maioria, as pesquisas oriundas de campos de conhecimento diferentes das ciências humanas têm maior necessidade de produtos materializados como maquetes, produção de vacinas para doenças, programas de computador, fabricação de aparelhos, entre outros. Enquanto nas ciências humanas: “o objetivo central é sempre produzir análise e reflexões, os subprodutos da pesquisa são quase sempre suportes de texto e de informação” (p. 77). Portanto, nos objetivos encontram-se os pontos de chegada, as finalidades de uma pesquisa, promessas e planejamento de produtos concretos.

O quinto capítulo discute o quadro teórico do projeto de pesquisa, apresentando a diferença entre teoria e metodologia. Como exemplo José D’ Assunção Barros utiliza o Caminho de Santiago de Compostela: “Imaginaremos que o nosso objetivo é realizar a famosa viagem conhecida como ‘o caminho de Santiago de Compostela’, que para muitas pessoas tem um significado simbólico especial e pode-se constituir em uma singular experiência de autoiluminação” (p. 80). Segundo o autor para percorrer esse caminho situado entre a Espanha e a França, a teoria abarcaria a crença que a peregrinação traria implicações místicas, principalmente espirituais. A crença encontra-se pautada no que foi vivenciado pelas outras pessoas, nos seus depoimentos e ancorada especialmente na religião. Já a metodologia encontra-se nos modos de fazer, os instrumentos necessários para realizar determinada tarefa, o planejamento de sua execução. Utilizando do mesmo exemplo, do caminho de Santiago: “Iremos a pé ou montados? Com que tipo de vestuário e com que equipamentos? Se optarmos por uma caminhada a pé, esta caminhada será efetivada em que ritmo de evolução: a passos irregulares, a passos medidos, lentamente, mais rapidamente [...]” (p. 81). A metodologia encontra-se nos procedimentos de execução da pesquisa.

Outras dicas sobre teoria referem-se a como elaborar o quadro teórico, segundo o pesquisador: “É possível compor uma combinação de abordagens teóricas, desde que compatíveis, ou utilizar livremente conceitos oriundos de matrizes diversas, contanto que de maneira coerente e fazendo as adaptações necessárias” (p. 88-89). O quadro teórico escolhido pelo pesquisador pode seguir firmemente por uma teoria, ou ainda, várias teorias, desde que cada conceito seja pensado de maneira coerente. Caso sua opção seja por uma corrente teórica deve ser familiarizado com ela, com seus conceitos e procedimentos, a teoria pode indicar o caminho metodológico a ser seguido. O pesquisador pode utilizar conceitos de outras ciências, os diálogos interdisciplinares. Além disso, nem toda teoria é permitida, segundo o autor, só é permitida quando se encontra coerência na sua argumentação, trazendo situações concretas da pesquisa.

Neste capítulo, o autor aponta conceitos pertinentes ao campo de estudo da pesquisa: “É hora de discutir que conceitos e categorias deverão ser relacionados pelo pesquisador no seu Quadro Teórico” (p. 101). Barros aponta novamente que não tem uma receita pronta para um projeto prevalecendo o bom senso na escrita do pesquisador. Algumas expressões-chave presentes no título da pesquisa devem ser utilizadas para a discussão do projeto, principalmente as que dão margem para ambiguidades, ou seja, passíveis a mais de uma interpretação. A definição do conceito deve ser feita de maneira breve, em seguida o pesquisador comenta as vantagens de suas escolhas, evitando-se gírias ou definições cotidianas. Apesar de importantes as definições o pesquisador deve evitar: “aquele que redige o texto científico deve se movimentar equidistante a obsessão ingênua de tudo definir e à negligência de deixar ideias obscuras pelo caminho” (p. 109).

O quinto e último capítulo da obra aqui analisada refere-se à criação de hipóteses para o projeto de pesquisa: “Em uma pesquisa que se destina a produzir um texto em modelo de Tese, a Hipótese desempenha uma importância fundamental” (p. 128). Segundo Barros a formulação de uma hipótese é o segundo caminho depois da elaboração do problema. Seria um recurso, raciocínio humano a partir da necessidade de superar o problema e adquirir conhecimento que ainda não se tem. A hipótese não é uma evidência, um dado, mas suposição feita a partir do problema e possível de ser comprovada, pois caso contrário não passaria de uma mera conjectura, ou seja, algo sem a mínima possibilidade de comprovação.

A hipótese na concepção do autor possui sete funções, sendo elas: norteadora, delimitadora, interpretativa, argumentativa, complementadora, multiplicadora e unificadora. Barros também aponta o que deve conter numa hipótese: solução possível, sentença declarativa, concisão, coerência, clareza, exatidão conceitual, interação, especificidade, relevância, pertinência, plausibilidade e verificabilidade. Estes aspectos são

tratados com requintes e exemplos pelo autor na sua obra. Com relação a elaboração podem ser realizadas por indução, dedução, intuição ou aperfeiçoamento de uma hipótese anterior.

Como se percebe em toda a obra de José D' Assunção Barros e também se expressa em sua conclusão: "O Projeto de Pesquisa, conforme se procurou mostrar neste livro, é instrumento precioso para a pesquisa científica, e particularmente para a pesquisa historiográfica" (p. 189). Na conclusão da obra o autor retoma alguns aspectos como: a ética na história, sua importância; delimitação temática, quadro teórico, hipóteses e metodologias. Barros também destaca que a Teoria e Metodologia conectadas as hipóteses são o segredo para um bom trabalho de cunho científico.

A obra de Barros *O projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico* é relevante, pois aponta dicas para a construção do projeto de pesquisa, bem como destaca a importância deste na produção do trabalho científico. Além disso, torna-se fundamental para os pesquisadores de forma geral com exemplos práticos de pesquisas tanto das ciências humanas como das ciências exatas. O autor preocupou-se em destacar a importância das ciências humanas, mas não negando os saberes interdisciplinares das demais ciências do conhecimento. O livro de Barros, publicado pela Editora Vozes, é um dos caminhos para produzir conhecimento com dicas preciosas para seus leitores que queiram dedicar-se ao trabalho de pesquisa com qualidade.

---

#### SOBRE O AUTOR

**Rodrigo dos Santos** é mestrando em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO); bolsista da Capes.

---

Recebido em 14/01/2015

Aceito em 28/05/2015